



INFORMATIVO

O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE

HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)

- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -

E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

280 anos da chegada do Brigadeiro José da Silva Pais a Rio Grande - 100 anos da entrada do Brasil na I GM

ANO 2017

NOVEMBRO

Nº 248

UM BREVE HISTÓRICO DO EXÉRCITO EM CRUZ ALTA - A Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas - EASA)

Sargento Ramos Vilas Boas

1. INTRODUÇÃO

A História de Cruz Alta remonta ao final do século XVII quando, em 1698, uma grande cruz de madeira foi erigida a mando do padre jesuíta Anton Sepp Von Rechegg, logo após a fundação de São João Batista nos Sete Povos Missionários.

Mais tarde, com a demarcação do Tratado de Santo Ildefonso em 1777, a linha divisória (Campos Neutros) que separava as terras de Espanha das de Portugal, cortava o território rio-grandense pelos divisores de água exatamente por esse local onde existia a grande cruz e uma pequena Capela do Menino Jesus.

A partir de então, este imenso “corredor”, recebeu um grande fluxo de pessoas das mais variadas atividades, como comerciantes, desertores do exército, contrabandistas, imigrantes, etc. A cruz alta tornou-se ponto de internada e um grande pouso para milhares de tropeiros oriundos das fronteiras com a Argentina e Uruguai, que se dirigiam até a Feira de Sorocaba para comercialização de animais.

O local consolidou-se ainda no final do século XVIII como Pouso dos Tropeiros e muitos passaram a residir nas proximidades, até que, no início do século XIX, depois de uma tentativa sem sucesso, mudaram-se então mais para o norte, estabelecendo-se onde hoje está o município de Cruz Alta, cuja fundação deu-se no dia 18 de agosto de 1821, em resposta a uma petição feita pelos moradores.

Durante a sangrenta Revolução de 1893/95, Cruz Alta ficou conhecida como **Ninho dos pica-paus**. Ela recebeu este codinome, dado pelos revolucionários federalistas, por ter sido o berço dos republicanos (pica-paus) mais importantes do Rio Grande do Sul, como Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado e Firmino de Paula. Estes dois últimos não eram revolucionários e

apoiavam o *status quo* castilhistas. Os pica-paus, na realidade, desejavam somente manter-se no poder.

A Revolta Federalista, entre pica-paus e maragatos, foi uma guerra civil muito sangrenta que eclodiu no RS opondo irmão contra irmão.

A história de Cruz Alta está ligada ao Exército desde a Guerra do Paraguai, quando vários cruz-altenses compuseram os corpos de Voluntários da Pátria. Cruz Alta forneceu um sem número de voluntários que pelearam sob o comando de **Jango Vidal** e do Brigadeiro Honorário do Exército **José Gomes Portinho**, depois agraciado com o título de **1º Barão da Cruz Alta** nas Companhias de Voluntários nº 19 e 40 e da 4ª Divisão de Cavalaria.

Portinho, 1º Barão de Cruz Alta, destacou-se como comandante de Contingente. Este militar já havia se distinguido na Revolução Farroupilha, defendendo a República Rio-Grandense.

2. UNIDADES DO EXÉRCITO EM CRUZ ALTA

Atualmente Cruz Alta possui as seguintes unidades militares:

- a Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas (EASA) – 1993;
- o Comando de Artilharia Divisionária da 3ª divisão de Exército (AD/3) – 1921;
- o 29º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado (29º GACAp) – 1908;
- o Posto Médico de Guarnição de Cruz Alta (PMGuCA) – 1919; e
- o Campo de Instrução de Cruz Alta (CICA) (Nadalin e Santos, 2014).

3. HISTÓRICO DO 8º RI E POSTERIOR 17º REGIMENTO DE INFANTARIA:

De acordo com Cavalari (2011) e Pedra (2014), o 17º Regimento de Infantaria, por anos conhecido como 8º RI, teve sua origem no Regimento de Estremoz¹, criado em Portugal por D. João V, em 1707. Sessenta anos depois, o Regimento de Estremoz foi destacado para o Brasil, ficando sediado no Rio de Janeiro.

Em 1839, recebeu a denominação de 4º Batalhão de Caçadores pelo Decreto nº 31, de 28 de fevereiro de 1839 e foi sediado em Belém do Pará. Mais tarde, migrou para o Rio Grande do Sul para participar da guerra contra Oribe e Rosas em 1851 e passou a ser denominado 12º Batalhão de Infantaria.

Em 1852, passou a denominar-se 11º Batalhão de Infantaria, novamente sediado no Pará, e mais uma vez voltou para o sul do país, com participação efetiva na Guerra da Tríplice Aliança, auxiliando na **Rendição em Uruguiana**. Participou da 2ª Batalha de Tuiuti, Curupaity e Curuzu. Após o conflito, voltou para o Pará, passando a ser denominado 12º Batalhão de Infantaria.

Em 1893, o 12º BI retorna aos pampas gaúchos, durante a Revolução Federalista, estabelecendo-se em Santana do Livramento. Em 1908, mudou-se para Cruz Alta, onde se fundiu com a 4ª Companhia do 25º Batalhão de Infantaria vindo a formar o 8º Regimento de Infantaria. O 8º RI participou das revoluções de 1930, 1932 (em São Paulo) e na 2ª Guerra Mundial, contribuindo com 80 praças, que integraram o 1º Escalão da Força Expedicionária Brasileira.

Em 1949 a denominação 8º RI é alterada para 17º Regimento de Infantaria (17º RI). Em 1972 a denominação 17º RI foi alterada para 17º Batalhão de Infantaria. (17º BI).

¹ O Regimento de Estremoz veio para o Brasil no século XVIII juntamente com os Regimentos de Bragança e de Moura, para combater os espanhóis. Mais tarde, estas unidades dariam origem ao atual Regimento Sampaio, o 1º BIMtz, Vila Militar, Rio de Janeiro.

4. HISTÓRICO DO CIAS - SUL/EASA

Segundo Nadalin e Santos (2014), o projeto CIAS estabelecia, inicialmente, que esse seria um Centro de Instrução por Comando Militar de Área, afim de substituir as atuais Unidades de Corpo de Tropa designadas por estes Grandes Comandos. De forma experimental, foi criada pela Portaria Ministerial nº 43 - Res, de 10 de julho de 1992, o CIAS - SUL (Centro de Instrução e Aperfeiçoamento de Sargentos do Comando Militar do Sul, por ter sido subordinada a este grande comando), com o início de seu funcionamento previsto para o dia 1º de janeiro de 1993, ocupando as antigas instalações do 17º Batalhão de Infantaria, sendo 4 de janeiro de 1993 a data em que se iniciaram os trabalhos de adaptação das antigas instalações.

Houve uma grande quantidade de ajustes que dariam condições aos Pavilhões **Monte Castelo** e **Tuiuti**, para isso tendo sido empregado o pelotão de obras do **29º GAC**, pois a CIAS - SUL não tinha autonomia administrativa.

Os pavilhões foram os que mais sofreram alterações em suas estruturas, sendo transformado o piso superior de cada pavilhão em apartamentos para alojar de seis a oito militares, com camas e armários individuais. Tudo com o intuito de proporcionar condições mais favoráveis a todos os sargentos matriculados.

Diante da necessidade de mobiliar essas dependências, foi enviado até a cidade do Rio de Janeiro um caminhão boiadeiro para transportar móveis do Rio de Janeiro para a CIAS-SUL. Foi obtida grande quantidade de móveis oriundos do Movimento Internacional sobre o Meio Ambiente (EXPO 92), assim como da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO).

Os trabalhos iniciais de administração resumiam-se na arrumação e estruturação para o funcionamento do Centro de Instrução. E a Divisão de Ensino, por sua vez, buscou preparar toda a documentação de ensino, havendo a necessidade de buscar o auxílio junto à EsSA e a outras Unidades de ensino militar.

Quando a Escola passou a ser subordinada à Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento em 1998, por meio da Portaria Ministerial no 015, recebeu o seu nome atual (EASA), tendo como missão aperfeiçoar os sargentos combatentes do Exército Brasileiro, com os Cursos de Aperfeiçoamento de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia, e habilitando os Sargentos ao exercício das funções inerentes à sua Graduação, especialmente no campo Administrativo.

Toda essa preparação de material e pessoal tinha por cenário a necessidade do emprego adequado dos seus recursos humanos, pois o Exército julgava que o sargento estava sendo sub-empregado.

Na época, diversas Unidades pelo Brasil responsabilizavam-se em conduzir o curso de Aperfeiçoamento de Sargentos, a fim de atender esta demanda, só que sem um currículo escolar padrão. Eram unidades operacionais que não tinham estrutura de ensino, metodologia ou um Órgão Centralizador das práticas pedagógicas, que conduziam os trabalhos com turmas pequenas e díspares, conforme a sua região geográfica. Despertou-se então, a necessidade da criação de uma única escola a qual padronizaria este conteúdo ensinado.

A 3ª Divisão de Exército (3ª DE), sediada em Santa Maria - RS, foi grande incentivadora da criação deste Centro, que reuniria em uma só unidade os vários Cursos de Aperfeiçoamento sob a responsabilidade do Comando Militar do Sul. Vale ressaltar que naquela época, na vanguarda do sistema de ensino unificado, a 3ª DE já adotava uma embrionária centralização onde praticamente todos os Cursos de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas da Região Sul, eram realizados em Unidades da 3ª DE.

Essa atitude da 3ª DE, aliada à possibilidade de ocupar as instalações do 17º BI (recém remanejado para a cidade de Tefé-AM, juntamente com a 16ª Brigada²), como sede do **Curso**

² Em 1991 a então 16ª Bda Inf Mtz, com sede em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, teve sua sede transferida para Tefé-AM, no estado

de Aperfeiçoamento, atendia às solicitações das Organizações Militares, dos Poderes Públicos e da sociedade para que o 17º BI não saísse de Cruz Alta-RS.

Diante da possibilidade destas instalações ficarem vazias, a sociedade e os Poderes Públicos da cidade de Cruz Alta e região se manifestaram pela permanência do 17º Batalhão de Infantaria na cidade, uma vez que a história do Batalhão se confundia com a própria história da cidade, essas manifestações tiveram forte influência na decisão da permanência do Centro de Instrução e Aperfeiçoamento de Sargentos do comando Militar do Sul - CIAS – SUL na região.

De acordo com Cavalari (2011) e Síntese (2015), inicialmente as instalações do 17º BI seriam ocupadas pela Bateria de Comando da Artilharia Divisionária da 3ª DE, mas isso não foi viável devido ao pequeno efetivo da Subunidade em relação ao porte das instalações.

5. O CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE SARGENTOS (Histórico)

O Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos tem sua origem no Decreto-Lei nº 4.130, de 26 de fevereiro de 1942, que regulou o Ensino Militar no Exército.

Por meio desse documento, o Presidente da República, usando das atribuições que lhe conferia o artigo 180 da Constituição Federal, decretou a Lei do Ensino Militar. Essa lei, em seu artigo 1º, trazia a seguinte redação:

“O ensino militar no Exército tem por finalidade a preparação técnico-profissional do pessoal de enquadramento em todos os escalões da hierarquia, tanto da ativa como da reserva” (MINISTÉRIO DA GUERRA, 1942, p. 30).

Dentro desse foco, o artigo 4º abordava os quatro tipos de preparo de cabos e sargentos do Exército ativo: formação, aplicação, aperfeiçoamento (em que o CRAS estava inserido) e especialização.

Segundo o artigo 7º da lei, o preparo de aperfeiçoamento, destinado aos sargentos, seria ministrado nos cursos de aperfeiçoamento de sargentos, futuro CAS. O curso os tornava aptos ao comando de pelotão ou de seção em campanha, além de habilitá-los à promoção a 1º sargento, sargento-ajudante e subtenente.

Efetivamente o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos só foi regulamentado cinco anos mais tarde, em 19 de março de 1947, pela Portaria nº 72, do Ministro da Guerra, que aprovou as Instruções Reguladoras (IR) do Aperfeiçoamento de Sargentos, reforçando e complementando o Decreto-Lei nº 4.130, de 26 de fevereiro de 1942 - Lei do Ensino Militar.

Nestas IR verifica-se que o aperfeiçoamento dos 2º e 3º sargentos formados nos corpos de tropa e estabelecimentos militares seria realizado na **Escola de Sargentos das Armas (EsSA)**, nos Cursos Regionais de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas e dos Serviços e em escolas e/ou centros destinados a certas especializações (Curso D da Escola de Artilharia de Costa e Curso D do Centro de Instrução de Defesa Antiaérea).

Quanto à duração dos cursos, as IR definiam, no artigo 6º, que os CRAS teriam a duração de **dezesesseis semanas**, exclusive os exames, divididas em duas fases:

- a primeira fase (duração de oito semanas) **visava a revisão, atualização e aprimoramento da instrução de Sargento**; e
- a segunda fase (outras oito semanas) **tinha por fim habilitar o sargento ao comando de pelotão/seção e a promoção aos postos de 1º sargento, subtenente e oficial da reserva ou do QAO.**

Terminado o curso de aperfeiçoamento, os sargentos aprovados eram obrigados a servir ao Exército, pelo prazo estipulado na Lei do Serviço Militar. Assim, as matrículas só eram feitas

do Amazonas. Entre suas Organizações Militares orgânicas, o 17º Batalhão de Infantaria, e não aquartelado em Cruz Alta, foi transformado em OM de Selva e seguiu para aquela mesma guarnição.

mediante declaração expressa do interessado aceitando tais exigências.

Como na época ainda não existia uma escola específica para o aperfeiçoamento dos sargentos, os CRAS funcionavam, preferentemente, nos CPOR. Os comandantes de RM poderiam autorizar fazer funcionar duas turmas por ano nos CRAS, dado o número de candidatos.

Ainda devido a esta falta de estrutura, entre os anos de 1970 e 1976, a EsSA deixou de formar sargentos e funcionou apenas com o curso de aperfeiçoamento, voltando à formação de graduados somente em 1977.

Em 1995, o Centro recebeu a incumbência de realizar o CPrep CAS – Curso Preparatório ao Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia.

A Portaria Ministerial nº 15, de 15 de janeiro de 1998, alterou a denominação do Centro para Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos – EsAS, reconhecendo o seu papel no Sistema de Ensino do Exército. No período de 1999 a 2005, foram realizados 04 (quatro) turnos por ano, tendo em vista a necessidade de atender a demanda no aperfeiçoamento dos sargentos, sem comprometer as turmas de formação.

Em 2004, através da Portaria nº 014 - Cmt Ex, de 16 de janeiro de 2004, a Escola recebeu a atual denominação de Escola de Aperfeiçoamento de Sargento das Armas – EASA, pelo fato de ter passado a também aperfeiçoar o Segundo Sargento da Arma de Comunicações (combatente).

A partir de 2007, a EASA passou a receber, militares de exércitos de países com os quais o Brasil mantém relações diplomáticas no terceiro turno do CAS, cumprindo o Plano do Exército Brasileiro para intercâmbio com essas nações.

Em 2011, com a reestruturação do Sistema de Ensino do Exército Brasileiro, a Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas – EASA, **“A Casa do Adjunto”**, passou a ser subordinada a Diretoria de Educação Técnica Militar – DETMil.

O Curso é dividido em duas etapas,

- de **preparo e seleção**; e
- de **aperfeiçoamento**.

Esta última, se divide em outras duas etapas:

Na primeira etapa, o sargento em sua Guarnição de origem é habilitado a participar do curso.

Na segunda etapa: as quinze primeiras semanas são no **formato EaD**, e as onze últimas semanas são cumpridas na guarnição de Cruz Alta-RS, ou seja, a **fase presencial**, com todos os sargentos combatentes do País, tendo como disciplinas doutrinárias:

- Ciências Militares, Organização e Emprego da Arma, História Militar e Normas de Comando.

- E as disciplinas administrativas, que são: Administração Patrimonial e Financeira, Direito Militar, Inteligência e Contra-Inteligência, Documentação de Subunidade, Língua Inglesa, Comando, Chefia e Liderança, Redação Militar, e Treinamento Físico Militar.

Tudo conforme as diversas palestras ministradas pelo Gabinete do Comandante do Exército, que elucidam a estrutura, funcionamento e planejamento estratégico da Força Terrestre.

Por: Ramon **Vilas Boas** Ferreira – 2º Sgt Inf. Formado na EsSA em 2003 e na EASA em 2014. Atualmente Instrutor de História Militar e Adj Setor Cultural da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas. Membro do Clube de História EASA/Delegacia da AHIMTB/RS. Formado em HISTÓRIA pela UEPG (2008), especialista em Neurodidática por prezar que ensinar é uma Arte.

Bibliografia

CAVALARI, Rossano. O ninho dos pica-paus: Cruz Alta na Revolução Federalista de 1893. Martins Livreiro-Editor,

ALVES, Paulo Sergio Felipe et NADALIN, Edson Luiz. Das origens do sargento ao seu aperfeiçoamento nos dias atuais. 2015, Cruz Alta -RS.

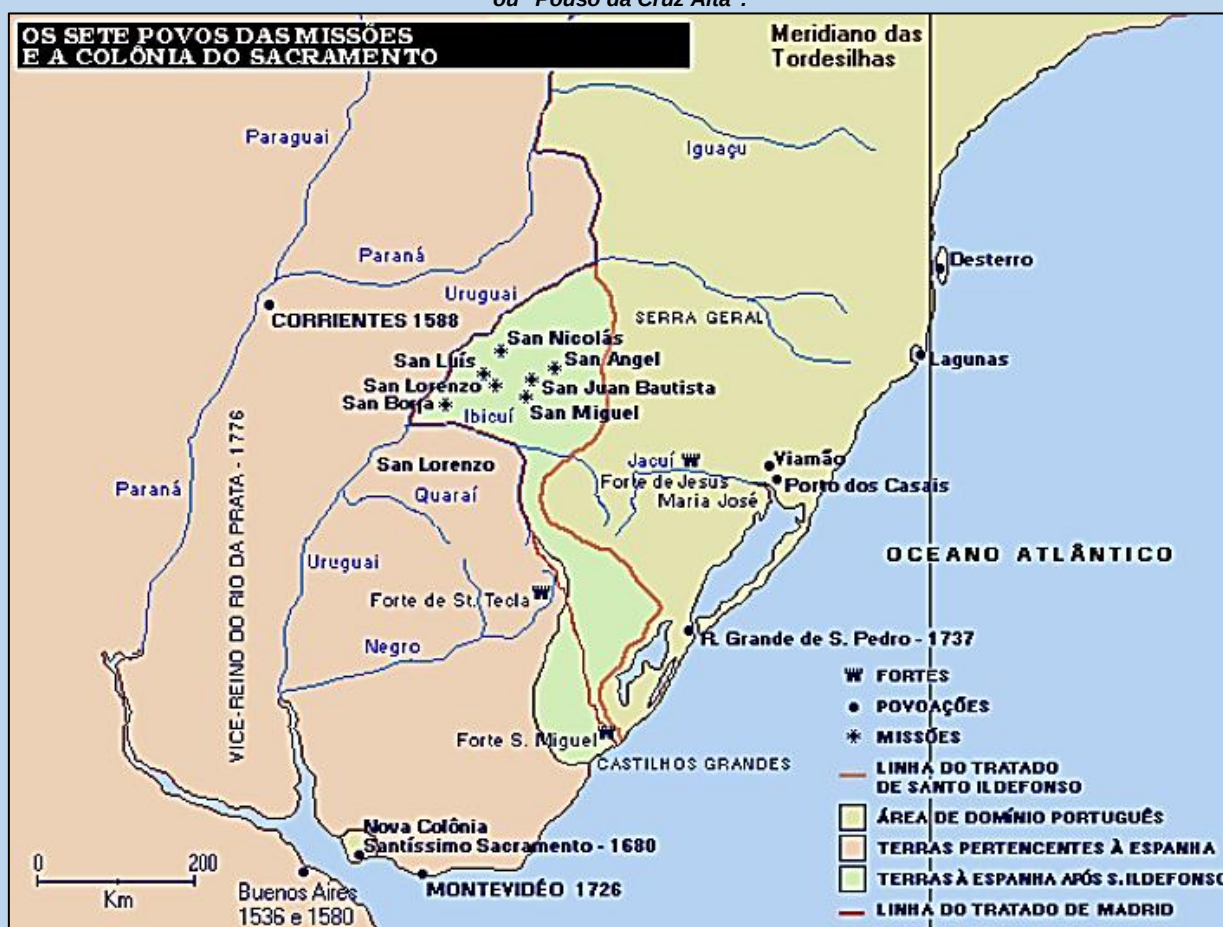
HISTÓRICO DE CRUZ ALTA-RS.	Disponível em:
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/cruzalta.pdf	

PROJETO NOSSA VELHA – NOVA CRUZ ALTA: disponível em <http://www.unimedplanaltocentralrs.com.br/cruz-alta/index.php?nfpag=26>

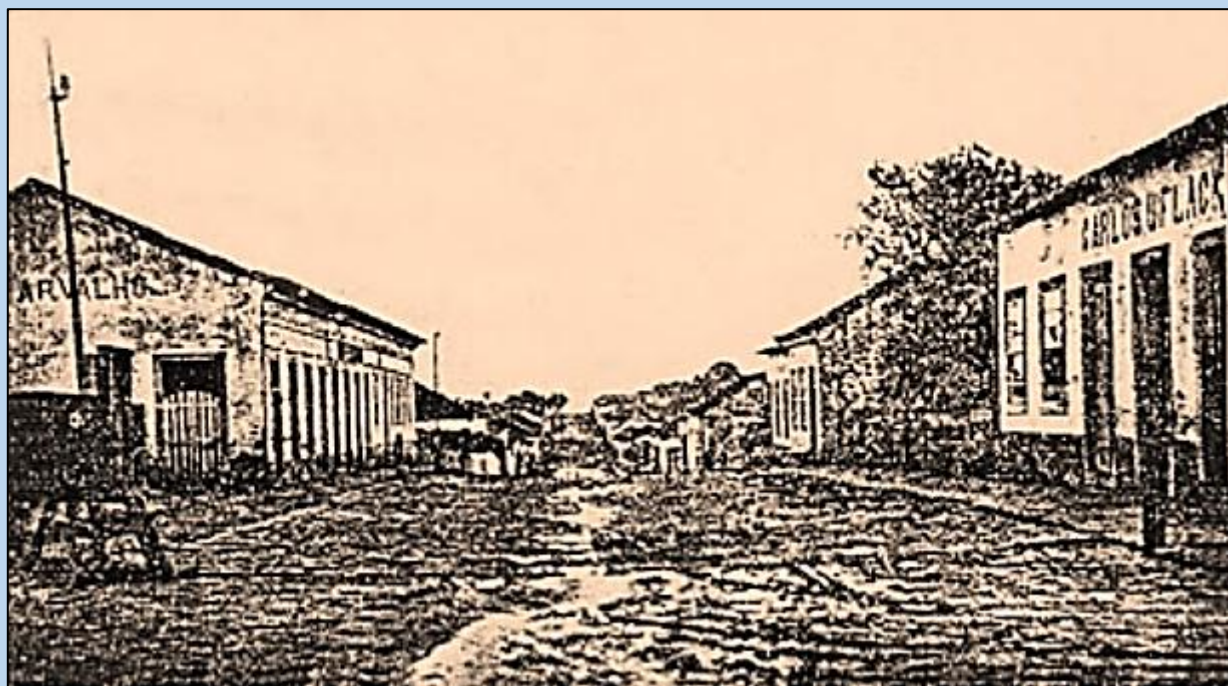
IMAGENS



Foto atual da cruz na "Encruzilhada" ou "Cruz Alta Velha". A cruz alta de madeira tornava-se rota para comerciantes, imigrantes, desertores do exército e selvagens, devido suas terras férteis e água em abundância, recebendo a alcunha de "Pouso dos Tropeiros" ou "Pouso da Cruz Alta".



As linhas do Tratado de Tordesilhas, Tratado de Madri e Tratado de Santo Ildefonso com os Campos Neutrais, conforme legenda.



Cruz Alta em meados do século XIX



A Estação de Cruz Alta, na Estrada de Ferro de Santa Maria a Marcelino Ramos, inaugurada em 20 de novembro de 1894.



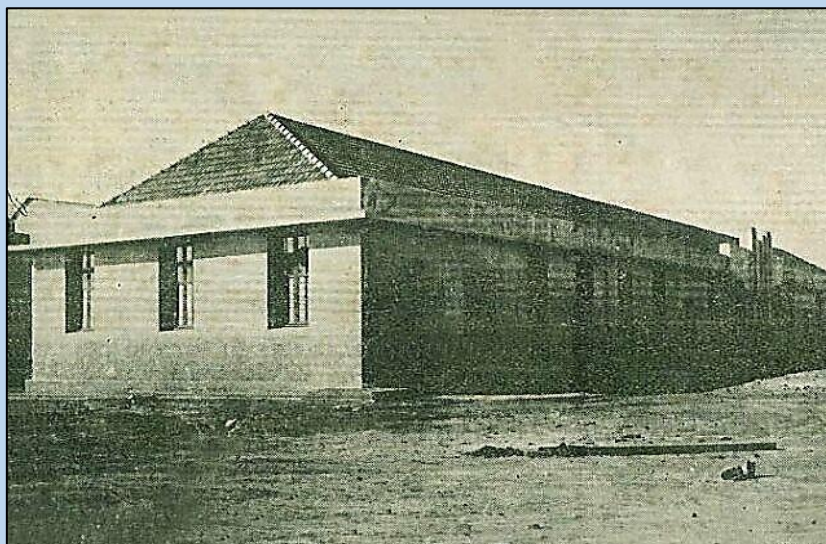
Lançamento da pedra Fundamental do prédio do QG - Comando de Artilharia Divisionária da 3ª Divisão de Exército (AD/3)



Construção iniciada em 1921 em terreno doado pela prefeitura municipal de Cruz Alta



Posto médico de Guarnição de Cruz Alta – 1923. Criado em 1919 para atender militares e familiares funcionou provisoriamente nas dependências do 8º RI.



O 8º Regimento de infantaria em 1908.



Tropa de Cruz Alta designada para a Força Expedicionária Brasileira em desfile, 1944.



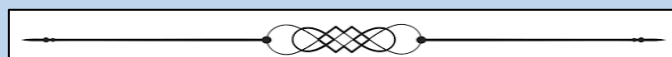
O 17º RI, atualmente EASA.



A então CIASSul, hoje EASA.



A EASA nos dias atuais.



Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites:

www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos do CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com